

**SENADO FEDERAL
SENADOR JARBAS VASCONCELOS**

A praga da cochonilha em Pernambuco

**Discurso pronunciado pelo Senador Jarbas Vasconcelos
(PMDB-PE) na sessão do Senado Federal do dia 14 de
Julho de 2009**

OUTUBRO - 2009

***“Temo que essa praga vá
além das fronteiras de
Pernambuco e coloque em risco
toda a bacia leiteira do Nordeste.”***

(Senador Jarbas Vasconcelos, em 14 de Julho de 2009)

SUMÁRIO

Discurso do Senador JARBAS VASCONCELOS04

A Palma Forrageira e a Cochonilha do Carmim em Pernambuco ...08

Requerimento ao Ministro REINHOLD STEPHANES18

DISCURSO DO SENADOR JARBAS VASCONCELOS

Senado Federal, 14 de julho de 2009.

Senhor Presidente,

Senhoras Senadoras,

Senhores Senadores,

Venho hoje a esta tribuna para falar de um assunto que é de grande importância para o setor da pecuária de leite no meu Estado de Pernambuco. Trata-se da praga da cochonilha do carmim, que vem devastando há uma década as plantações de palma forrageira no Sertão e no Agreste pernambucanos.

Para quem desconhece a cochonilha, se trata de um pequeno inseto originário do México e que é a principal base de um corante natural de cor vermelho escuro, utilizado em alimentos e também na produção de medicamentos e de roupas.

O problema é que esse pequeno animal se alimenta da seiva de cactos, como é o caso da palma – utilizada em larga escala pelos criadores de gado leiteiro em todo o Nordeste.

Há cerca de 11 anos, a cochonilha mexicana foi introduzida ilegalmente em Pernambuco, iniciando um processo de expansão pelo interior do meu Estado. O que era para ser uma alternativa econômica para pequenos produtores rurais se transformou numa praga que vem devastando as plantações de palma forrageira.

O setor leiteiro é hoje um dos mais importantes da agropecuária de Pernambuco, com cerca de 470 mil vacas de ordenha e uma produção de 630 milhões de litros de leite por ano. A maior parte desse rebanho se encontra nas regiões do Sertão e do Agreste, que, juntas, representam 87% dos animais.

A palma é a principal fonte de alimentação para o rebanho nordestino, seja ele bovino, caprino ou ovino. Essa forrageira

ganhou espaço na Região porque é resistente ao Semiárido. É possível se colher até 400 toneladas de palma por hectare, a cada dois anos, dependendo da tecnologia empregada.

Hoje, no Nordeste, a área plantada chega a 500 mil hectares, com Pernambuco respondendo por cerca de 30% desse total. Daí a gravidade da praga da cochonilha que ameaça dizimar essa que é uma das poucas riquezas dessa tão sofrida população do Semiárido nordestino.

Recentemente estive participando de um encontro do PMDB no município de Garanhuns, localizado na microrregião do Agreste Meridional e distante 229 quilômetros do Recife. Diversos criadores me procuraram para tratar desta praga e eu assumi o compromisso de trazer a questão aqui, à tribuna do Senado Federal.

Durante o período em que estive à frente do Governo de Pernambuco, entre 1999 e 2006, empreendemos diversas iniciativas para combater a cochonilha, mas ela se apresentou mais resistente do que imaginavam os técnicos da Secretaria de Produção Rural. Por meio da Empresa Pernambucana de Pesquisas Agropecuárias, foram iniciadas ações de controle da praga.

Outra medida efetiva tomada pela Secretaria de Produção Rural de Pernambuco foi o teste de variedades de palma mais resistentes, que começou a apresentar resultados positivos, com a distribuição das variedades de maior sucesso entre os produtores. Nosso Governo também realizou um cadastramento dos produtores do Sertão do Pajeú, uma das regiões mais prejudicadas.

A importância desse setor para a economia pernambucana foi reconhecida pelo nosso Governo, que também teve a iniciativa pioneira de criar o Programa do Leite. Esse projeto – que significava um investimento anual de R\$ 30 milhões – permitiu ao mesmo tempo combater a fome e as deficiências nutricionais das populações mais carentes e também incrementar a agropecuária.

Uma iniciativa tão bem sucedida que terminou incorporada pelo Governo Federal. Por tudo isso, é extremamente preocupante

o avanço da praga da cochonilha. Já existem informações de que o inseto já foi identificado também no vizinho Estado da Paraíba.

Senhor Presidente, acredito que é chegada a hora dessa luta contra a cochonilha contar com o apoio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Temo que essa praga vá além das fronteiras de Pernambuco e coloque em risco toda a bacia leiteira do Nordeste.

Neste sentido, que comunicar a esta Casa que estou enviando ao Ministro Reinhold Stephanes um relatório sobre a questão, pedindo o apoio e a ajuda do Governo Federal aos produtores e criadores de Pernambuco.

Era o que tinha a dizer, Senhor Presidente.

Muito obrigado.

ANEXOS

A PALMA FORRAGEIRA E A COCHONILHA DO CARMIM EM PERNAMBUCO

Introdução

A palma forrageira é, sem dúvida, a principal fonte de alimento para o rebanho nordestino, entre o gado bovino, caprino e ovino, especialmente, destacando-se por ser uma importante fonte de energia, detendo cerca de 90% a 95% de água em sua constituição. Esse fato reforça o que a palma significa para o gado, especialmente na época seca, lembrando-se que é possível colher até 400 toneladas de palma, por hectare, a cada dois anos, dependendo da tecnologia de produção empregada. Outro fato relevante é que a área plantada no Nordeste brasileiro é estimada em torno de 500.000 hectares, sendo que Pernambuco participa com aproximadamente 150.000 ha. Essa riqueza do produtor rural, no entanto, vem sendo ameaçada por uma praga, conhecida por “cochonilha do carmim” (Ferreira, 2005; Santos et al. 2006).

História da Cochonilha do Carmim em Pernambuco

Segundo os ANAIS PERNAMBUCANOS do período de 1795 a 1817 (Pereira da Costa, 1958), em seu volume VII, presentes no Arquivo Público Estadual, em janeiro de 1798 uma carta régia pedia informações sobre essa cochonilha, seguindo-se uma descrição do inseto e detalhando os seus produtos como o carmim e outras tintas empregadas na pintura, tinturaria e outras aplicações industriais. Reafirmava a existência da cochonilha “em nossos sertões, mas sem ser aproveitada a riqueza que produz sem dúvida por se ignorar o tesouro que ela encerra”. É informado, também, que os holandeses fizeram alguns carregamentos da cochonilha a

partir de Pernambuco entre os anos de 1637 a 1640.

Consta nesse documento que em 1825 o tenente-coronel Apolinário Florentino de Albuquerque Maranhão apresentava ao presidente da província amostra de cochonilha indígena criada nos sertões. Também relata a existência da cochonilha no RS, em 1782.

O Diário de Pernambuco publica em 1º de junho de 1857 memórias de uma missão científica do naturalista francês Luis Jacques Brunet, apresentadas ao presidente da província, segundo a qual a cochonilha indígena, ou selvagem, encontra-se em abundância nos sertões, alimentando-se de palmatória (Pereira da Costa, 1958). Para Brunet, a cochonilha, que se encontrava já a partir de Gravatá e Caruaru, não produzia um corante com a mesma qualidade da cochonilha fina existente no México, sendo apenas uma variante daquela, fruto do melhoramento empreendido pelo homem. Sugeriu Brunet trocar a palmatória de espinhos grandes e de pelos penetrantes, por outra espécie de cactos utilizada nas Ilhas da Madeira e Tenerife que se adaptaria facilmente em Pernambuco.

O documento de Brunet é tão detalhado que chega a descrever um método prático de colheita e preparação dos insetos para a comercialização.

Os ANAIS PERNAMBUCANOS sugerem que, de tão fácil exploração e tão lucrativa a sua indústria em outros países, poderia a cochonilha constituir uma importante fonte de riqueza, uma nova indústria a explorar.

Também se informa em outras publicações que em 1811 o rei Dom João VI determinou o cultivo da palma no Brasil para extração do corante da cochonilha (Dominguez, 1963).

Parece não haver dúvida da existência de espécies nativas da cochonilha do carmim na região, pois o IPA a encontrou às margens do Rio São Francisco, no município de Petrolina, em áreas irrigadas, infestando plantas de Quipá, espécie de cactos de raquetes pequenas, onde não havia nenhuma plantação de palma nem a

presença de outras colônias da praga (Pereira da Costa, 1958). Um ano depois, uma nova excussão foi feita ao local e nada foi encontrado, apesar de o Quipá continuar vegetando no mesmo local (Informação Pessoal – Antonio Félix da Costa). Fato semelhante ocorreu com técnico da Superintendência Federal da Agricultura da Paraíba, no Município de Algodões, Agreste daquele estado, não a encontrando tempos depois (Informação Pessoal – Antonio Félix da Costa).

Início das atividades com a cochonilha em Pernambuco

Algumas viagens ao México foram empreendidas pela diretoria do IPA, acompanhada por técnicos locais e de outras instituições de pesquisa do Nordeste, a exemplo da EMEPA (PB) e da EMPARN (RN), entre os anos de 1996 a 1998. Ao que parece, objetivavam essas autoridades conhecer a diversidade da palma forrageira existente naquele país e firmar algumas parcerias, como de fato existiram. Daí resultou na importação de uma grande quantidade de variedades de palma que foi dividida entre as instituições citadas, a exemplo de uma coleção destinada para usos hortícolas e outra especializada na produção de frutos, ainda existentes no IPA.

Conhecendo a extensão dessa cultura e vendo-se que o seu maior emprego no México era como alimento para cochonilha do carmim, conhecida como “grana fina”, capaz de alta produtividade e de corante de alta qualidade, vendido no mercado internacional a um bom preço em dólar, a direção do IPA elaborou um processo e o encaminhou ao Ministério da Agricultura pedindo autorização para a importação da “grana fina”.

Importante lembrar que o México, Peru e Ilhas Canárias são os maiores produtores mundiais de carmim.

Enquanto o Ministério analisava o pedido, o IPA escalou dois pesquisadores para coletar espécies nativas da cochonilha nas

caatingas do nordeste, tendo sido encontrada em Serra Talhada-PE e no distrito de Pendência, município de Soledade-PB, segundo se informa.

As amostras aí coletadas foram encaminhadas para a sede do IPA, no Recife, onde foram feitos ensaios para estudo da biologia do inseto e outras determinações.

O Ministério da Agricultura negou o pedido de autorização para a importação do inseto, enquanto os ensaios continuaram com o inseto coletado nas caatingas nordestinas, na expectativa de se comprovar uma boa fonte de renda para o homem do campo. Em função disso, em 1998 novos ensaios foram conduzidos, desta vez na Fazenda Cachoeira, sede da Estação Experimental de Sertânia-PE, em ambiente controlado, verificando-se que de fato havia viabilidade pela grande eficiência na multiplicação do inseto e na produção do corante.

Enquanto esses ensaios eram conduzidos, houve uma grande divulgação da provável atividade, com a produção de folders, publicação de matérias em jornais de grande circulação no estado e propaganda em exposições de animais da época, apresentando-se a cochonilha como a redenção do sertanejo, pois, a partir de então, tinha diante de si um produto que seria vendido em dólar no mercado internacional (IPA, Cochonilha do Carmim, Folder).

Esse material mostrava que os quatro países produtores, Peru, Ilhas Canárias, México e Chile dominavam o mercado mundial, com 200 toneladas do inseto beneficiado por ano, representando apenas 30% desse mercado. Isso tudo, somado à exigência da OMS de que as indústrias deveriam substituir os corantes artificiais pelos naturais até 1998, mostravam as possibilidades de ascensão desse mercado, razão por que o IPA estava interessado em investir na produção da cochonilha.

Para tanto, o IPA firmou convênio naquele ano com a Universidade Autônoma de Chapingo, no México, mandando técnico para conhecer as tecnologias de manejo de criação do inseto, no Centro de Pesquisas da Grana Cochonilha, em Oaxaca (México),

enquanto professor daquela Universidade veio a Pernambuco.

Infestação em propriedades particulares

Em fins de 1999 surgiram os primeiros relatos de que havia áreas de palma em propriedades particulares, no município de Sertânia, infestadas pela cochonilha do carmim.

A notícia não foi divulgada e o governo só tomou conhecimento no final do ano 2000. Algumas hipóteses foram aventadas para explicar o ocorrido. Como o primeiro foco foi detectado próximo à estação do IPA, onde havia sido realizado o ensaio com a cochonilha, logo se divulgou que o IPA teria deixado escapar o inseto para o campo, quando o ensaio foi conduzido em recinto fechado e em condições controladas.

Outros alegavam que, em razão da grande divulgação dos benefícios da atividade para o produtor, alguns desses poderiam ter levado raquetes de palma com a cochonilha para as suas propriedades e daí contaminado os palmais. Contam-se que, em exposição de caprinos e ovinos de Sertânia, autoridades do governo de então teriam feito propaganda da cochonilha, com raquete infestada em punho. O fato é que rapidamente a cochonilha se espalhou pelo Pajeú e municípios do Cariri paraibano, estando hoje nos sertões do Pajeú, Moxotó e Central, além do Agreste Meridional.

Ações do governo na busca de solução para o problema

Tomando conhecimento, a Secretaria de Produção Rural e Reforma Agrária reuniu representantes da Assembléia Legislativa, Presidente da Comissão de Agricultura da Assembléia, Prefeito de Sertânia, pesquisadores do IPA, Associação de Produtores de Caprinos e Ovinos de Sertânia, FAEPE, comércio e indústria de

insumos agropecuários e de outras associações, além da defesa agropecuária estadual, e editou a Portaria n.045, de 09/03/2001, criando comissão técnica e dando 15 dias para essa comissão apresentar um cronograma de trabalho, a estratégia de ação e medidas preliminares na busca de solução para o caso.

Ao mesmo tempo o IPA iniciou uma série de pesquisas, visando estabelecer medidas de controle da nova praga, logo disponibilizando ao produtor atingido ações de controle por diversas formas, inclusive o químico (Cavalcanti et al., 2001).

Diversas outras pesquisas foram incentivadas pelo Governo Estadual, especialmente aquelas de menor impacto ao meio ambiente. Nesse sentido, entre os anos de 2002 e 2006 o Governo Estadual financiou pesquisas na área de controle biológico da cochonilha e conseguiu recursos federais para construção de um amplo laboratório de controle biológico de pragas para o IPA (Projeto FINEP).

Esses estudos continuam, estando necessitando de mais recursos para se chegar a resultados promissores.

Ao mesmo tempo, mais de 1000 variedades de palma foram testadas na Estação Experimental de Sertânia, visando selecionar variedades resistentes à cochonilha do carmim. Desse estudo, cerca de dez cultivares foram consideradas resistentes, estando já três ou quatro dessas cultivares sendo disponibilizadas ao produtor por meio de mudas para o seu plantio (IPA, Genótipos de palma forrageira resistente à cochonilha do carmim, Folder).

Naquele período a variedade Miúda, de palma doce, resistente, foi multiplicada em Sertânia, na Estação Experimental, e distribuídas mais de 300.000 raquetes, sendo 4.000 por produtor, formando três Unidades Demonstrativas por cada município do sertão do Pajeú, mais algumas unidades para Monteiro-PB, e alguns municípios do sertão do Moxotó. Esses agricultores entravam com a terra, a mão-de-obra e o compromisso de multiplicar e distribuir novas raquetes a outros produtores de sua localidade (IPA, Genótipos de palma forrageira resistente à cochonilha do carmim,

Folder).

Alguns acompanhamentos e avaliações desse programa foram feitos, ficando demonstrado grande sucesso. Ao mesmo tempo, raquetes de duas variedades resistentes foram multiplicadas em laboratório, no IPA, e distribuídas aos agricultores.

No mesmo período e como sugestão da comissão técnica, todos os produtores do Pajeú atingidos foram cadastrados, anotando-se localização, área plantada com palma e área atingida pela praga. A cada um desses produtores, por meio de associações, sindicatos ou conselhos municipais, foram entregues kits de controle, formados por pulverizadores, defensivos agrícolas e detergente neutro, conforme resultado de pesquisa.

Além disso, cerca de 200 produtores em todo o Pajeú receberam treinamento por técnicos do IPA e da ADAGRO, tendo em todas essas atividades a parceria da FETAPE, dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais dos municípios do Pajeú, dos Conselhos Municipais e das Câmaras Municipais daqueles municípios.

Atuação do Ministério da Agricultura

De fato, nunca houve nenhuma ação efetiva do Ministério da Agricultura que contribuísse para uma solução definitiva do problema.

Tomado conhecimento, limitou-se a enviar técnicos à região afetada para algum levantamento a partir de conversas com produtores, sem discutir as questões com os técnicos de pesquisa ou da defesa locais, além de participar ou promover algumas reuniões em PE e PB.

Em encontro na sede do Ministério, em Brasília, técnicos da defesa sanitária vegetal ventilaram a possibilidade de o IPA montar um processo para solicitar o registro provisório de defensivos agrícolas para uso no controle da cochonilha em palma, porém em

uma dessas reuniões em João Pessoa-PB, técnicos da então DFA-PB descartaram essa possibilidade, deixando claro que não seria permitido o controle químico da cochonilha.

Apesar dos avanços em outras formas de controle, o controle químico em um primeiro momento e no caso de alta infestação é extremamente necessário. Não há dúvida de que, do ponto de vista técnico, essa proibição inibiu a eficiência das medidas de controle preconizadas e, na falta de outras medidas eficazes, a propagação da praga aumentou progressivamente, fazendo com que ela tenha se estendido para o Agreste, para o sertão Central, para outras áreas do estado da Paraíba e, a cada dia, seja registrada uma nova área infestada.

Ações necessárias ao acompanhamento da cochonilha atualmente

- 1- Autorização do MAPA para emprego do uso de defensivos químicos na fase inicial do controle da cochonilha, especialmente quando se tratar de alta infestação;
- 2- Permissão do MAPA para o registro provisório de defensivos químicos indicados pela pesquisa no controle da cochonilha do carmim;
- 3- Liberação de recursos pelo MAPA ou intermediação junto a agentes financiadores para pesquisa e desenvolvimento nas seguintes áreas:
 - a. Controle biológico;
 - b. Melhoramento genético visando à criação de variedades resistentes;
 - c. Uso de produtos alternativos no controle da cochonilha;
 - d. Multiplicação in vitro (por cultura de tecido) de variedades de palma resistentes à cochonilha visando acelerar o

- processo de recomposição de áreas danificadas pela praga;
- e. Implementação de campanhas de educação sanitárias, visando orientar os produtores rurais a conviver com palmais infestados sem diminuição de sua capacidade produtiva;
 - f. Intensificar ações de defesa sanitária vegetal para evitar a propagação para áreas ainda livre da praga.

Referências

CAVALCANTI, V.A.L.B.; SENA, R.C. de; COUTINHO, J.L.B.; ARRUDA, G.P.; RODRIGUES, F.B. Controle das cochonilhas da palma forrageira. Recife: Instituto Agrônômico de Pernambuco-IPA, 2001. 2p. (IPA Responde, 39).

DOMÍNGUEZ, O. Origem e introdução da palma forrageira no Nordeste. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, Pernambuco. 1963. 73p.

EMPRESA PERNAMBUCANA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA-IPA. Cochonilha do Carmim. Recife, s.d. Folder.

EMPRESA PERNAMBUCANA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA-IPA. Genótipos de palma forrageira resistente à cochonilha do carmim. Recife, s.d. Folder.

FERREIRA, M. de A. Palma forrageira na alimentação de bovinos leiteiros. Recife: UFRPE, 2005. 68p.

PEREIRA DA COSTA, F.A. JANEIRO – carta régia, pedindo informações sobre a cochonilha. Anais Pernambucanos, Recife, v.7, p.23-26, 1958.

PESSOA, A.S. Cultura da palma forrageira. Recife: SUDENE. Divisão de Documentação, 1967. 98p. (SUDENE. Agricultura, 5).

SANTOS, D.C. dos; FARIAS, I.; LIRA, M. de A.; SANTOS, M.V.F dos; ARRUDA, G.P. de; COELHO, R.S.B.; DIAS, F.M.; MELO, J.N.de. Manejo e utilização da palma forrageira (Opuntia e Nopalea) em Pernambuco. Recife: Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária-IPA, 2006. 48p. (IPA. Documentos, 30).

REQUERIMENTO AO MINISTRO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO REINHOLD STEPHANES

Requeiro, nos termos do § 2º, do art. 50 da Constituição Federal e da alínea a, inciso I, do art. 215 do Regimento Interno do Senado Federal, ao Exmo. Sr. REINHOLD STEPHANES, Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, INFORMAÇÕES acerca do trabalho desta Pasta diante do problema da praga da cochonilha do carmim, que vem devastando há uma década as plantações de palma forrageira no Sertão e no Agreste pernambucanos.

Tenho conhecimento que essa praga já ultrapassou as fronteiras de Pernambuco, colocando em risco toda a bacia leiteira do Nordeste. Diante das dificuldades e das limitações enfrentadas em nível estadual para combater o referido inseto, prejudicando o trabalho dos produtores e criadores de Pernambuco, que carecem de ajuda.

Neste sentido, encaminho anexo relatório que apresenta a situação da cochonilha em Pernambuco.

JUSTIFICAÇÃO

Há cerca de 11 anos, a cochonilha mexicana foi introduzida ilegalmente em Pernambuco, iniciando um processo de expansão pelo interior do meu Estado. O que era para ser uma alternativa econômica para pequenos produtores rurais se transformou numa praga que vem devastando as plantações de palma forrageira.

O setor leiteiro é hoje um dos mais importantes da agropecuária de Pernambuco, com cerca de 470 mil vacas de ordenha e uma produção de 630 milhões de litros de leite por ano. A maior parte desse rebanho se encontra nas regiões do Sertão e do Agreste, que, juntas, representam 87% dos animais.

A palma é a principal fonte de alimentação para o rebanho

nordestino, seja ele bovino, caprino ou ovino. Essa forrageira ganhou espaço na Região porque é resistente ao Semiárido. É possível se colher até 400 toneladas de palma por hectare, a cada dois anos, dependendo da tecnologia empregada.

Hoje, no Nordeste, a área plantada chega a 500 mil hectares, com Pernambuco respondendo por cerca de 30% desse total. Daí a gravidade da praga da cochonilha que ameaça dizimar essa que é uma das poucas riquezas dessa tão sofrida população do Semiárido nordestino.

Sala das Sessões em 14 de Julho de 2009.

Senador JARBAS VASCONCELOS

TRABALHOS PUBLICADOS

- Uma Análise da Economia Canavieira de Pernambuco (1972)
- Liberdade e Desenvolvimento (1973)
- O Papel da Oposição (1978)
- Constituinte Já! A Solução da Crise (1978)
- Pernambuco: Descaso e Miséria (1983)
- Denúncias Contra o Governo e o Regime (1984)
- A Oposição Exercida Como Direito (2007)
- O Apagão do Governo Lula (2007)
- CPMF: Um Imposto Anacrônico (2007)
- Ulysses Vive (2007)
- Orgulho de Pernambuco (2008)
- De Tributos e Abusos (2008)
- Abaixo A Mediocridade (2008)
- Por Uma Gestão Pública de Qualidade (2008)
- Josué de Castro – Um Vida Contra A Fome (2008)
- A Voz do Semiárido (2009)
- A Verdade Inconveniente (2009)
- Na Linha de Frente (2009)
- O Resgate da Política (2009)

ENDERECO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Senador Jarbas Vasconcelos
Senado Federal
Ala Senador Dinarte Mariz, Gab.4
70.165-900 – Brasília – DF
Telefone (81) 3303-3245
Fax: (61) 3303-1977
e-mail: jarbas.vasconcelos@senador.gov.br
Site: www.jarbasvasconcelos.com.br